

**Meu quintal é maior do que o mundo: (re)pensando as dimensões de um quintal agroflorestal**

*My backyard is bigger than the world: (re)thinking the dimensions of an agroforestry backyard*

*Mi patio trasero es más grande que el mundo: (re)pensar las dimensiones de un patio trasero agroflorestal)*

**Edivandro Ferreira Machado**

Biólogo, Doutorando, PPGAA/DAFDS/INEAF, UFPA, Brasil  
edivandro22ferreira@gmail.com

**Leonardo de Carvalho Brandão**

Biólogo, Doutorando, FEAGRI, UNICAMP, Brasil  
leonaldocarvalho123@gmail.com

**Miguel Gabriel Moraes Santos**

Engenheiro Agrônomo, Mestrando, PGAGRO, UFRA, Brasil  
miguel.gms31@gmail.com

**Sarah Gabriella do Nascimento Silva**

Bióloga, Mestranda, PPGAA/INEAF, UFPA, Brasil  
gsarah450@gmail.com

**Jakson da Silva Gonçalves**

Biólogo, Mestrando, PPGAA/INEAF, UFPA, Brasil  
jaksonsg95@gmail.com

## RESUMO

Este estudo objetiva levantar reflexões para se (re)pensar as dimensões dos quintais agroflorestais, e isso é feito a partir de um quintal agroflorestal rural em contexto amazônico. Trabalha-se um colaborador, com dados e informações obtidos por meio da observação participante e da lista livre, em 2023 e em 2024. São muitos os estudos sobre quintais agroflorestais, com diferentes análises e abordagens. Mas o que esses trabalhos têm em comum é, quase sempre, a definição de quintal agroflorestal: o espaço adjacente à casa e que apresenta uma diversidade vegetal e, às vezes, animal, embora não exista uma definição universalmente aceita. Mostra-se que um quintal pode assumir feições e desenhos distintos; ele pode ser expandido para outras direções, englobando áreas com diferentes idades, ganhando novas configurações, significados e importâncias. No meio rural, ele pode se estender a perder de vista, pode ser incorporado pelo ambiente local, de tal modo que acaba se confundindo com a própria paisagem. Mostrou-se que um quintal pode ser formado em tempos, espaços e contextos distintos, e essas diferenças podem coexistir, confluindo para o bem-estar humano e ambiental. Conclui-se que nem todo quintal é limitado a um espaço ou barreira física / geográfica. Às vezes são os sentidos, os significados e os usos que as pessoas dão aos quintais que definem seus limites.

**PALAVRAS-CHAVE:** Quintais Agroflorestais. Amazônia. Agricultura Familiar.

## ABSTRACT

*This study aims to raise reflections to (re)think the dimensions of agroforestry backyards, and this is done from a rural agroforestry backyard in an Amazonian context. A collaborator works with data and information obtained through participant observation and the free list, in 2023 and 2024. There are many studies on agroforestry backyards, with different analyzes and approaches. But what these works have in common is, almost always, the definition of an agroforestry backyard: the space adjacent to the house and which presents a diversity of plants and, sometimes, animals, although there is no universally accepted definition. It is shown that a backyard can take on different features and designs; it can be expanded in other directions, encompassing areas with different ages, gaining new configurations, meanings and importance. In rural areas, it can extend as far as the eye can see, it can be incorporated into the local environment, in such a way that it ends up blending in with the landscape itself. It was shown that a backyard can be formed in different times, spaces and contexts, and these differences can coexist, contributing to human and environmental well-being. It follows that not every backyard is limited to a space or physical/geographical barrier. Sometimes it is the senses, meanings and uses that people give to their backyards that define their limits.*

**KEYWORDS:** Agroforestry Backyards. Amazon. Family farming.

## RESUMEN

*Este estudio pretende plantear reflexiones para (re)pensar las dimensiones de los patios agroforestales, y esto se hace desde un patio agroforestal rural en un contexto amazónico. Un colaborador trabaja con datos e información obtenida a través de la observación participante y el listado libre, en 2023 y 2024. Hay muchos estudios sobre patios agroforestales, con diferentes análisis y enfoques. Pero lo que tienen en común estos trabajos es, casi siempre, la definición de patio agroforestal: el espacio contiguo a la casa y que presenta diversidad de plantas y, en ocasiones, animales, aunque no existe una definición universalmente aceptada. Está demostrado que un patio trasero puede adoptar diferentes características y diseños; puede ampliarse en otras direcciones, abarcando áreas con diferentes edades, adquiriendo nuevas configuraciones, significados e importancia. En las zonas rurales puede extenderse hasta donde alcanza la vista, puede incorporarse al entorno local, de tal manera que acabe mimetizándose con el propio paisaje. Se demostró que un patio trasero puede formarse en diferentes tiempos, espacios y contextos, y estas diferencias pueden coexistir, contribuyendo al bienestar humano y ambiental. De ello se deduce que no todos los patios traseros se limitan a un espacio o barrera física/geográfica. A veces son los sentidos, significados y usos que la gente le da a sus patios traseros los que definen sus límites.*

**PALABRAS CLAVE:** Patios Agroforestales. Amazonas. Agricultura familiar.

## 1. INTRODUÇÃO

São muitos os estudos sobre quintais agroflorestais, com diferentes análises e abordagens, contudo, o que esses trabalhos têm em comum é, quase sempre, a definição de quintal agroflorestal. Com muita frequência, um quintal é entendido como o espaço imediatamente posterior à residência humana e que apresenta uma diversidade vegetal e, às vezes, pode envolver a criação de animais (VIEIRA, ROSA, SANTOS, 2012; ALMEIDA, GAMA, 2014; RAYOL, MIRANDA, 2019). No entanto, Nair e Kumar (2006) pontuam que não existe uma definição universalmente aceita para o que seria um quintal.

*Quintal* vem de *quintanale*, do latim vulgar, e se refere a uma pequena quinta ou à área de cultivo junto às casas (DOURADO, 2004). Essa área pode ser na frente, atrás, em um lado ou em todos os lados da residência, no meio urbano ou rural (MARTINS, NODA, NODA, 2003; SILVA, 2004; DELPHIM, 2005).

Os quintais, a depender da região, recebem nomes distintos, que vão desde *homegardens*, na literatura inglesa; *patios* e *huertos*, na literatura hispânica; até nomeações outras, como no caso do Brasil, que com sua diversidade terminológica, os quintais são conhecidos como *terrêros*, *sítios*, *quintais agroflorestais*, *quintais produtivos* e como partes de *sistemas agroflorestais* (FREITAS, STOREY, GAVINHO, 1988; FLORENTINO, ARAÚJO, ALBUQUERQUE, 2007; PEREIRA *et al.*, 2017; ALMADA, SOUZA, 2017; FERREIRA, 2020; COSTA, RODRIGUES, OLIVEIRA, 2022).

A origem dos quintais pode estar associada ao próprio início das práticas agrícolas, no período neolítico (MAZOYER; ROUDART, 2010). Na história brasileira, eles estão presentes em diferentes contextos históricos, como, por exemplo, no Brasil colonial:

[...] extensões orgânicas da casa rural e urbana, eles foram palco de boa parte das atividades cotidianas e despensa que garantiu a subsistência familiar, em uma época na qual, de modo geral, havia precárias redes de produção e comércio de alimentos. No campo, funcionaram como balão-de-ensaio da agricultura trazida pelo colonizador. Na cidade, formalizam os primeiros espaços verdes, bem antes da constituição de passeios e parques públicos (DOURADO, 2004, p. 85).

Os quintais são “territórios de fazeres e saberes, ligados aos movimentos da vida cotidiana” (FERNANDES, 2021, p. 80), e podem ser definidos como “intimate, multistory combinations of various trees and crops, sometimes in association with domestic animals, around homesteads” (NAIR; KUMAR, 2006, p. 2), e como “homegardens are multi-species, multi-tier agroforestry production systems often in small parcels of land surrounding homesteads that integrate tree-crop-animal components and largely confined to humid tropics” (KUNHAMU, 2013, p. 1).

Nunes (1994) pontua que os quintais têm extensões que variam ao extremo, mas outros autores salientam que se trata de espaços adjacentes às casas (COSTANTIN, 2005; AMARAL, NETO, 2008; ALMEIDA, GAMA, 2014; ALMADA, SOUZA, 2017). Desse modo, tem-se, portanto, a ideia de que os quintais, urbanos e rurais, resumem-se tão somente ao espaço imediatamente posterior à residência, transparecendo a ideia de um espaço bem limitado. No entanto, neste trabalho, concorda-se com Nunes (1994) e com Almeida, Pasa e Guarim (2014),

autores com os quais se nota que os quintais podem ser mais do que espaços adjacentes aos lares.

Tomando isso como verdade, acredita-se que é importante pensar a dimensão dos quintais para se ter real noção do que são e qual importância social, econômica, ambiental e cultural apresentam.

## 2. OBJETIVOS

O trabalho objetiva ser uma contribuição para se (re)pensar as dimensões dos quintais e, para tanto, traz-se reflexões a partir de um quintal agroflorestral rural em contexto amazônico.

## 3. METODOLOGIA / MÉTODOS DE ANÁLISE

Neste estudo são mesclados dados obtidos em 2023 e em 2024, em que o *locus* de pesquisa corresponde a um quintal agroflorestral, situado em uma propriedade particular na zona rural do município de Santa Luzia do Pará, na região nordeste do estado do Pará, Amazônia brasileira. Para a realização do trabalho, contou-se com a colaboração de apenas uma pessoa.

Adotou-se como técnicas a observação participante (MALINOWSKI, 1978) e a lista livre (QUINLAN, 2005). A primeira é entendida como “uma estratégia de campo que combina, simultaneamente, a análise de documentos, a entrevista de informantes, a participação, a observação direta, e a introspecção” (DENZIN, 1989, p. 157-158), e possibilitou uma imersão no *locus* de pesquisa. A segunda técnica, por sua vez, revela as plantas cuidadas e manejada nos quintais, juntamente com a importância cultural de cada uma.

Os nomes científicos das espécies listadas neste trabalho foram obtidos por meio de busca virtual em Flora e Funga do Brasil (2024), projeto coordenado pelo Jardim Botânico do Rio de Janeiro.

## 4. RESULTADOS

O *locus* da pesquisa, *território usado*, fundamento do trabalho, lugar da residência, das trocas materiais e do exercício da vida (SANTOS, 1999, p. 8), localiza-se na comunidade de Tamancuoca, zona rural do município de Santa Luzia do Pará, nordeste paraense. Nele reside uma família composta por cinco pessoas, que se utiliza da coleta do açaí, de aposentadorias, do trabalho assalariado e da diversidade apresentada nos quintais para subsidiar a alimentação e o bem-viver.

Neste trabalho, tem-se os quintais como discussão central. Os quintais fazem parte da história humana, e aqui, no recorte proposto, fazem parte da história e da vida dos seus originadores. A família em questão vive há décadas no Tamancuoca, no mesmo território, construindo, de tempos em tempos, uma nova moradia em local ligeiramente diferente<sup>1</sup>, sempre se aproximando da estrada, ramal de terra que dá acesso, depois de vários quilômetros percorridos, à sede municipal<sup>2</sup> e às comunidades circunvizinhas.

---

<sup>1</sup> Este trabalho não apresenta uma linearidade e nem uma temporalidade na descrição dos fatos. Mas ele é construído assim para que o foco da pesquisa, os quintais, seja evidenciado.

<sup>2</sup> A sede municipal fica a aproximadamente 26.5 km da comunidade de Tamancuoca.

Décadas atrás, há mais de 50 anos, os progenitores da família se mudaram para o que aqui é considerado o quintal antigo (Figura 1). Para viver, trabalhavam na agricultura e vendiam sua força de trabalho a outrem, em relação desigual e sem salário, apenas pagamentos equivalentes. Eles prosperaram nesse lugar, tiveram alguns filhos e criaram um biodiverso quintal agroflorestal.

Décadas mais tarde, já estavam em outro lugar, aqui representado pelo quintal intermediário (Figura 1), onde continuaram exercendo as mesmas atividades, mas agora contavam com mais força de trabalho, o emprego do trabalho familiar, pois a família campesina é a unidade de força do trabalho (Chayanov, 1996). Continuaram tendo mais filhos e um novo quintal agroflorestal foi arquitetado.

Décadas depois, houve nova mudança (Figura 1). Não mudaram para um lugar longínquo, não para outra comunidade, não para outro município, direcionaram-se mais para perto da estrada. Nesse tempo, a matriarca já era viúva, quase todos os filhos já tinham construído seus próprios núcleos familiares. Nesse novo local construíram, não diferindo dos demais, um biodiverso quintal agroflorestal, tão necessário por subsidiar a alimentação humana.

Como se nota na Figura 1, os quintais estão integrados à paisagem local, de modo que não é possível distinguir o que é fruto da ação humana e o que é decorrente da própria natureza. Observa-se, também, que é um ponto verde em meio à degradação ambiental, constante na Amazônia. Esse ponto verde, meio antrópico e meio natural, em muito contribui para a alimentação e a nutrição humana, bem como é um agregador de renda, sobretudo no que tange à produção de açaí.

Figura 1 – Mapa de localização da comunidade do Tamancuoca e delimitação dos quintais.



Fonte: Autores (2024).

Embora a Figura 1 evidencie a delimitação dos quintais, a diversidade de espécies vegetais não está condicionada a esses limites. Ou seja, por toda área verde, portanto para além das marcações do que seria quintal antigo, quintal intermediário e quintal atual, encontram-se espécies frutíferas importantes para a alimentação, nutrição e complementação de renda, como o açaí, o buriti, a manga e a azeitona. Toda a área verde com protuberante cobertura vegetal é um amalgama de produtos florestais madeireiros e não madeireiros, um grande quintal, portanto, que ratifica o objetivo deste estudo.

#### 4.1.A diversidade e a importância dos quintais

Atualmente, no quintal mais antigo, ainda se encontra um lugar atravessado por um rio, com a presença de um satisfatório açazal e um buritizal primoroso. É um lugar onde se pesca, onde se extrai açaí, buriti, cupuaçu, gengibre, jaca, tucumã, ingá, manga, coco, piquiá, azeitona, pupunha e outros (Quadro 1). Por sua vez, no quintal intermediário se coleta açaí, coco, goiaba, cupuaçu, limão, buriti e caju, por exemplo (Quadro 1). Por não serem os espaços imediatamente adjacentes à residência, esses dois ambientes recebem menos atenção no que diz respeito ao manejo e ao cuidado, contudo, recebem atenção esporadicamente, em virtude de que são espaços pelos quais pessoas se locomovem para desenvolver diferentes atividades. Algumas vezes, quando são manejados, árvores maiores como a tapiririca (*Tapirira guianensis* Aubl.) e alguns tipos de ingá selvagem, são recolhidas para se fazer carvão de modo tradicional, por meio da caieira (Figura 2).

Figura 2 – Produção de carvão vegetal por meio da caieira, comunidade do Tamancuoca, Brasil.



Fonte: Autores (2024).

As árvores maiores que são encontradas em ambos os quintais dizem respeito à ação da natureza, já estavam ali, e foram mantidas por apresentarem algum benefício, seja apenas sombreamento ou para servir de lenha, quando preciso for. Ou seja, não necessariamente se mantêm espécies que contribuem diretamente para o cuidado da saúde, para a alimentação ou

para a geração de renda. Há, por vezes, um apelo estético ou de conservação, afinal, como disserta Oakley (2004, p. 37), os quintais são “reservatórios de biodiversidade”.

Sobre essa substituição de árvores nos quintais, Van Leeuwen (1995, p. 7) grafa que:

A substituição de árvores no pomar é feita por unidade. Uma árvore que não é mais desejada (grande demais, produz pouco ou nada), é eliminada e no espaço instalam-se outras plantas úteis. É essa eliminação individual que aumenta a variabilidade de espécies e idades, e que faz o pomar parecer uma floresta natural [...].

No quintal atual (Quadro 1) é possível encontrar uma diversidade maior, da qual faz parte, por exemplo, a cajarana, o abacaxi, a pupunha, a goiaba, o ingá, o coco, o limão, a jaca, o mamão, o cupuaçu, a andiroba, a banana, a manga, o jambo, a laranja, o ajiru, o muruci, o buriti, o açai, além de plantas medicinais e plantas condimentares. Também se realiza a pesca, uma vez que um rio passa bem próximo da residência (Figura 3).

Figura 3 – Rio que perpassa os quintais, comunidade do Tamancuoca, Brasil.



Fonte: Autores (2024).

O quadro 1 evidencia as principais plantas encontradas nos quintais que são de interesse dos colaboradores. Mais da metade são encontradas no quintal atual, visto que há um interesse em manter por perto, sobretudo, espécies frutíferas com benefícios direto à alimentação e nutrição humana.

Quadro 1 - Principais variedades de plantas encontradas nos quintais, comunidade do Tamancuoca, Brasil.

Nome popular	Nome científico	Quintal mais antigo	Quintal intermediário	Quintal atual	Uso	
					Alimentação	Medicinal
Açaí	<i>Euterpe oleracea</i> Mart.	x	x	x	x	
Andiroba	<i>Carapa guianensis</i> Aubl.	x		x		x
Abacaxi	<i>Ananas comosus</i> (L.) Merrill			x	x	
Ajiru	<i>Chrysobalanus icaco</i> L.			x	x	
Azeitona	<i>Syzygium cumini</i> (L.) Skeels	x		x	x	
Banana	<i>Musa sapientum</i> L.			x	x	
Buriti	<i>Mauritia flexuosa</i> L.f.	x	x	x	x	
Cajarana	<i>Spondias dulcis</i> Parkinson			x	x	
Coco ouro	<i>Cocos nucifera</i> L.			x	x	
Coco	<i>Cocos nucifera</i> L.	x	x	x	x	
Cupuaçu	<i>Theobroma grandiflorum</i> (Willd. ex Spreng.) K.Schum.	x	x	x	x	
Caju	<i>Anacardium occidentale</i> L.		x		x	
Cacau	<i>Theobroma cacao</i> L.	x		x	x	
Gengibre	<i>Zingiber officinale</i> Roscoe	x				x
Goiaba araçá	<i>Psidium cattleianum</i> Sabine		x		x	
Goiaba	<i>Psidium guajava</i> L.	x	x	x	x	
Ingá	<i>Inga edulis</i> Mart.	x		x	x	
Jaca	<i>Artocarpus heterophyllus</i> Lam.	x		x	x	
Jambreiro	<i>Syzygium malaccense</i> (L.) Merr. & L.M.Perry			x	x	
Laranjeira	<i>Citrus sinensis</i> (L.) Osbeck			x	x	
Limão galego	<i>Citrus limon</i> (L.) Burm.f.		x	x	x	
Limãozinho	<i>Citrus latifolia</i> Tanaka			x	x	
Manga comum	<i>Mangifera indica</i> L.	x	x	x	x	
Manga carlota	<i>Mangifera indica</i> L.			x	x	
Manga buceta	<i>Mangifera indica</i> L.			x	x	
Muruci	<i>Byrsonima crassifolia</i> (L.) Kunth.			x	x	
Mamão	<i>Carica papaya</i> L.			x	x	
Piquiá	<i>Caryocar brasiliense</i> Cambess.	x			x	
Pupunha	<i>Bactris gasipaes</i> Kunth	x		x	x	
Tucumã	<i>Astrocaryum aculeatum</i> G.Mey.	x			x	
Urucum	<i>Bixa orellana</i> L.			x	x	

Fonte: Autores (2024).



Os quintais contribuem nos aspectos ecológicos, econômicos e sociais (TORQUEBIAU, 1992), uma vez que “they are ecologically sound, economically viable, socially acceptable and culturally pragmatic systems that touch upon the livelihood security of millions people in the tropics” (KUNHAMU, 2013, p. 13).

Nos quintais, diferentes espécies são conjuradas, como mostra o Quadro 1. Nesses ambientes, é comum a associação de espécies florestais, agrícolas, medicinais, ornamentais e condimentares (SILVA *et al.*, 2008; NOVAIS *et al.*, 2011; FREITAS *et al.*, 2012; MOREIRA, NETO, 2015; COSTA *et al.*, 2017). Além dos vegetais, espécies animais podem estar presentes (MIRANDA, KATO, SABLAYROLLES, 2013; LOBATO *et al.*, 2017). No *locus* da pesquisa, a criação de animais estava presente, dando-se, evidentemente, no quintal mais recente. Nele, cria-se galinhas, patos, perus e um porco.

Boa parte das plantas listadas, 94% (Quadro 1), são destinadas à alimentação e nutrição humana (Figura 4). O restante é direcionado para o cuidado da saúde humana, por meio de remédios caseiros. As plantas medicinais são componentes muito presentes nos quintais.

Figura 4 - Variedade alimentícia encontrada no *locus* de pesquisa, comunidade do Tamancuoca, Brasil.



Fonte: Autores (2023).

Além dos vegetais listados, visualizou-se no *locus* de estudo que outros vegetais são cultivados em uma horta, próxima da residência (Figura 5).

Figura 5 – Horta como parte integrativa do quintal, comunidade do Tamancuoca, Brasil.



Fonte: Autores (2023).

Na horta, há o cultivo de plantas condimentares, como a cebolinha (*Allium fistulosum* L.), o coentro (*Coriandrum sativum* L.) e a chicória (*Eryngium foetidum* L.). Também se encontram pepino (*Cucumis sativus* L.), cariru (*Talinum fruticosum* (L.) Juss.), pimentinha-de-cheiro (*Capsicum chinense* Jacq.), couve (*Brassica oleracea*) e pimenta (*Capsicum chinense*).

Em vista disso, reitera-se que os quintais agroflorestais “são importantes espaços de produção de bens e serviços indispensáveis para a agricultura familiar camponesa, que estão disponíveis de forma diversificada e contínua durante o ano” (QUARESMA, 2015, p. 42). Com isso, “investir na socialização dos conhecimentos tradicionais, na qualificação das práticas de manejo, na diversificação de espécies e na organização sobre a produção dos quintais pode ser o caminho para que esse espaço continue a cumprir seu importante papel” (QUARESMA, 2015, p. 42), que consiste no desenvolvimento rural sustentável.

#### 4.2.(Re)pensando as dimensões de um quintal agroflorestal

Uma distância geográfica e um espaço temporal separam a formação dos três quintais, mas os três são funcionais e importantes para os humanos, para animais e para o meio ambiente. Mesmo distantes, poder-se-ia considerá-los como um único quintal? Pensa-se que sim. Por isso

se traz no próprio título deste trabalho um verso do poema “O apanhador de desperdícios”, de Manoel de Barros (2015, p. 122), “meu quintal é maior que o mundo”, para se refletir sobre a dimensão dos quintais que fazem parte da história da família do colaborador da pesquisa, sobretudo para destacar que os quintais não possuem limites prévios, não são condicionados a serem de um determinado tamanho, nem sempre se resumem aos espaços pequenos que circundam os lares.

Van Leeuwen (1995), ao versar sobre o pomar caseiro em Manaus enquanto importante sistema agroflorestal, pontua que o pomar (o mesmo que quintal), pode aumentar de tamanho, ou seja, pode ser expandido para outras áreas, passa-se a ter áreas com diferentes idades, ganhando, pois, novas configurações, significados e importâncias. Por sua vez, o estudo de Guillaumet *et al.*, (1990), também voltado para a Amazônia, traz discussões sobre pomares em diferentes estágios e que coexistem: pomares antigos em produção, pomares jovens em produção, pomares em processo de implantação, plantação de hortaliças etc., em um verdadeiro e eficiente aproveitamento do espaço.

Em vista disso, concorda-se com o estudo de Guarim Neto *et al.* (2010), no qual afirmam que os quintais assumem feições e desenhos distintos. Assim, de modo geral, no meio urbano, um quintal diz respeito ao espaço circundante ao lar; no meio rural, por sua vez, é esse espaço mais aquele que se prolonga e ocupa outras áreas, inclusive na floresta. Ou seja, no meio rural, tal como sustentado neste estudo, está-se diante de quintais definidos e delimitados pelas necessidades das pessoas que neles vivem, que deles dependem, que a eles transformam e por eles são transformadas. São espaços que perpassam os limites do cultivo das plantas e, às vezes, confundem-se com as áreas de ocorrência natural de muitas espécies, como pontuam os autores:

Dessa forma os quintais adquirem feições e desenhos variados, sendo que em geral, no meio urbano é o espaço que circunda a moradia, e no meio rural, tanto este espaço como aqueles que se prolongam e ocupam áreas que se projetam no cerrado, no pantanal e na própria floresta. São, portanto, espaços que se definem e se delinham frente às necessidades das pessoas que aí vivem. Vão além dos limites do cultivo das plantas e muitas vezes se confundem com as áreas de ocorrência natural das espécies (ALMEIDA; PASA; GUARIM, 2014, P. 324).

O que separa os três quintais são pequenas distâncias, vencidas facilmente numa caminhada de 15 a 20 minutos de um quintal para o outro. Quando em época de cupuaçu, caminha-se pelos três quintais para coletar os frutos dispostos abaixo das árvores. A mesma coisa acontece quando se quer pescar, quando se quer coletar buriti, quando se quer encontrar coco seco, quando se quer boas mangas.

Quanto maior o quintal, mais rico ele será, mais recurso apresentará, maior será sua contribuição para a soberania e para a segurança alimentar, pois os quintais propiciam exatamente isso e, por isso, não deveriam ser reduzidos a “importantes para a subsistência humana”. O quintal aqui apresentado foi formado em três épocas diferentes, e hoje continua funcional e necessário para a família do colaborador. De quando em quando ele é incrementado, adicionam-se novas espécies frutíferas que são interessantes aos humanos.

O que antes era entendido como sendo três quintais agroflorestais distintos, distantes, de certa forma, criados em tempos e em espaços diferentes, agora é um único quintal, confundindo-se com a própria paisagem. Trata-se de um grande quintal, não apenas de uma área disposta ao entorno da casa, mas sim de uma área que se integrou na própria paisagem e que

propicia benefícios alimentares ao longo de todo o ano, dada a diversidade de espécies cultivadas.

## 5. CONCLUSÃO

A definição de quintais não é impermeável, ainda está em construção. Os quintais podem ser mais do que meros espaços previsíveis, limitados e adjacentes às residências. Mostrou-se que um quintal pode ser formado em tempos, espaços e contextos distintos, e essas diferenças podem coexistir, confluindo para o bem-estar humano e ambiental. Como mostrado, nem todo quintal é circunscrevido a um espaço ou barreira física / geográfica. Às vezes são os sentidos, os significados e os usos que as pessoas dão aos quintais que definem seus limites.

Visualizou-se que nem sempre um quintal condiz somente ao espaço contíguo ao lar. No meio rural, eles podem englobar esse espaço e mais que isso: podem se distender a perder de vista, podem ser incorporados pelo ambiente local, de tal modo que acabam se confundindo com a própria paisagem, como foi mostrado neste estudo.

Evidenciou-se que o quintal está ligado à própria história da família. Por isso, até hoje se ouve “olha, aquele coqueiro é meu!” ou “esse pé de cupuaçu é meu!”, pois foram essas pessoas, anos ou décadas atrás, que lá os plantaram. As espécies nele cultivadas são fruto dos interesses individuais, são selecionadas de acordo com o que ali se quer ter, seja para o presente ou para o futuro, e assim o grande quintal segue crescendo, diversificando-se, e propiciando benefícios ambientais, sociais e econômicos na contemporaneidade e, de maneira evidente, em tempos vindouros.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICO

ALMADA, E. D.; SOUSA, M. O. Quintais como patrimônio biocultural. *In: Quintais: memória, resistência e patrimônio biocultural*. Emmanuel Duarte Almada e Mariana Oliveira e Souza (org.). Belo Horizonte: EdUEMG, 2017.

ALMEIDA, S. E.; PASA, M. C.; GUARIM, V. L. M. S. Uso da biodiversidade em quintais de comunidades tradicionais da baía de Chacorore, Barão de Melgaço, Mato Grosso, Brasil. **Biodiversidade**, v. 13, n. 1, 2014.

ALMEIDA, L. S de.; GAMA, J. R. V. Quintais agroflorestais: estrutura, composição florística e aspectos socioambientais em área de assentamento rural na Amazônia brasileira. **Ciência Florestal**, Santa Maria, v. 24, n. 4, p. 1041-1053, 2014.

AMARAL, C. N do.; NETO, G. G. Os quintais como espaços de conservação e cultivo de alimentos: um estudo na cidade de Rosário Oeste (Mato Grosso, Brasil). **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, Belém, v. 3, n. 3, p. 329-341, set.- dez. 2008.

BARROS, M de. **Meu quintal é maior do que o mundo** [recurso eletrônico]. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015. Disponível em: Meu Quintal é Maior que o Mundo (petropolis.rj.gov.br). Acesso em: 19 mar. 2023.

CHAYANOV, A. V. **The theory of peasant economy**. Thorner. Irwin, 1966.

COSTA, A. D.; RODRIGUES, E. T.; OLIVEIRA, R. D de. Quintais urbanos: estratégias de reprodução dos modos de vida tradicionais na cidade de Belém/PA, Brasil. **Manduarisawa - Revista Discente do Curso de História da UFAM**, v. 6, ano 1, 2022.

COSTA, G. C. *et al.* Caracterização socioeconômica e levantamento de espécies vegetais em quintais agroflorestais da zona rural do município de Parauapebas, Pará. **Agroecossistemas**, v. 9, n. 1, p. 199-211, 2017.

COSTANTIN, A. M. **Quitais agroflorestais na visão dos agricultores de Imaruí-SC**. 2005. 120f. Dissertação (Mestrado em Agroecossistemas). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

DOURADO, G. M. Vegetação e quintais da casa brasileira. **Paisagem Ambiente: ensaios**, São Paulo, n. 19, p. 83 -102, 2004.

Denzin, N. K., **The research act: A Theoretical Introduction to Sociological Methods**. 3rd ed. Englewood Cliffs, Prentice-Hall, 1989.

DELPHIM, C. F. M. **Intervenções em jardins históricos**: manual. Brasília: IPHAN, 2005.

FREITAS, E. Y.; STOREY, C.; GAVINHO, C. A. Práticas de cultivos agrícolas na comunidade do Amanhecer. *In: JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DO INPA*. VII, 1998. Manaus: UFAM, 1988. p. 152-154.

FREITAS, A. V. L. *et al.* Plantas medicinais: um estudo etnobotânico nos quintais do Sítio Cruz, São Miguel, Rio Grande do Norte, Brasil. **R. bras. Bioci.**, Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 48-59, jan./mar. 2012.

FERREIRA, J. M. P. **Quitais produtivos**: Contribuição à segurança alimentar no assentamento Ubá, Santa Quitéria-Ceará. *In: Tópicos Ciências Sociais-Volume 4*. Belo Horizonte: Poisson, 2020.

FERNANDES, J. H. O. **O quintal como espaço educativo**. 2021. 167f. Dissertação (Mestrado-Educação). Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, Belo Horizonte, 2021.

FLORENTINO, A. T. N.; ARAÚJO, E. L.; ALBUQUERQUE, U. P. de. Contribuição de quintais agroflorestais na conservação de plantas da Caatinga, Município de Caruaru, PE, Brasil. **Acta bot. bras.** v. 21, n. 1, p. 37-47. 2007.

FLORA e FUNGA do BRASIL. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/>>. Acesso em: 20 mar. 2024.

GUILLAUMET J-L. *et al.* Les jardins-vergers familiaux d'Amazonie Centrale: um exemple d'utilisation de l'espace. **Turrialbia**, v. 40, n. 1. p.63-81, 1990.

GUARIM NETO, G. *et al.* Quintais urbanos e rurais em Mato Grosso: socializando espaços, conservando a diversidade de plantas. *In: V. A. Silva; A. L. S. Almeida; U. P. Albuquerque (orgs.). Etnobiologia e Etnoecologia: Pessoas & Natureza na América Latina*. Recife, PE: Nupeea, 2010.

KUNHAMU, T. K. Tropical homegardens. *In: Agroforestry: theory and practice*. Raj, A.J. e S.B. Lal (eds). Jodhpur, India: Scientific publishers, 2013.

LOBATO, G. J. M. *et al.* Diversidade de uso e aspectos socioambientais de quintais urbanos em Abaetetuba, Pará, Brasil. **Rev. Bras. de Agroecologia**, v. 12, n. 2, p. 95-105, 2017.

MIRANDA, S.; KATO, O.; SABLAYROLLES, M. G. Caracterização e importância dos quintais agroflorestais aos agricultores familiares do Baixo Irituí, Pará. **Cadernos de Agroecologia**, v. 8, n. 2, 2013.

MAZOYER, M.; ROUDART, L. **História das agriculturas no mundo**: do neolítico à crise contemporânea. Tradução de Cláudia F. Falluh Balduino Ferreira. São Paulo: Editora UNESP, 2010. 568p.

MARTINS, A. L. U.; NODA, H.; NODA, S. N. Quintais urbanos de Manaus. *In: Oliveira, José Aldemir de; Alecrim, José Duarte; Gasnier, Thierry Ray Jehlen (org.). Cidade de Manaus: visões interdisciplinares*. Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2003. p. 207-243.

MALINOWSKI, B. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. Um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MOREIRA, R. P. M.; NETO, G. G. A flora medicinal dos quintais de Tangará da Serra, Mato Grosso, Brasil. **Biodiversidade**, v. 14, n. 1, 2015.

NAIR, P. K. R. KUMAR, B. M. **Tropical Homegardens: A Time-Tested Example of Sustainable Agroforestry**. Springer, 2006.

NUNES, B. Casa, praça, jardim e quintal. **Ci. & Tróp.**, Recife, v. 22, n. 2, p. 253-264, 1994.

NOVAIS, A. M. *et al.* Os quintais e a flora local: um estudo na comunidade Jardim Paraíso, Cáceres-MT, Brasil. **Revista Biodiversidade**, v. 10, n. 1, 2011.

OAKLEY, E. Quintais Domésticos: uma responsabilidade cultural. **Agriculturas**, v. 1, n. 1, 2004.

PEREIRA, L. S. *et al.* Agrobiodiversidade em quintais como estratégia para soberania alimentar no semiárido norte mineiro. **Ethnoscientia** v. 2, n. 1, 2017.

QUARESMA, A. P. Mulheres e quintais agroflorestais: a “ajuda invisível” aos olhos que garante a reprodução da agricultura familiar camponesa amazônica. *In: Coletânea sobre estudos rurais e gênero: Prêmio Margarida Alves, 4ª Edição.* Karla Hora, Gustavo Macedo, Marcela Rezende (org.). Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2015.

QUINLAN, M. Considerations for collecting freelists in the field: examples from ethnobotany. **Field Methods**, v. 17, n. 3, 2005.

RAYOL, B. P.; MIRANDA, I. S. Quintais agroflorestais na Amazônia Central: caracterização, importância social e agrobiodiversidade. **Ci. FI.**, Santa Maria, v. 29, n. 4, p. 1614-1629, 2019.

SANTOS, M. O dinheiro e o território. **GEOgraphia**, v. 1, n. 1, 1999.

SILVA, L. O da. Os quintais e a morada brasileira. **Cadernos de Arquitetura e Urbanismo**, Belo Horizonte, v. 11, n. 12, p. 61-78, 2004.

SILVA, P. T. E da. Principais espécies florestais utilizadas em sistemas agroflorestais na Amazônia. **Rev. Ciênc., Agrár.** Belém, n. 49, p. 127-144, 2008.

TORQUEBIAU, E. Are tropical agroforestry home gardens sustainable? **Agriculture, Ecosystems & Environment**, v. 41, n. 2, 1992.

VAN LEEUWEN, J.; GOMES, J. B. M. O pomar caseiro na região de Manaus, Amazonas, um importante sistema agroflorestal tradicional. **Actas II Encontro da Sociedade Brasileira de Sistemas de Produção**, Londrina, PR, 21-23/nov/95. IAPAR, Londrina: 180-189, 1995.

VIEIRA, T. A.; ROSA, L. S.; SANTOS, M. M. L. S. Agrobiodiversidade de quintais agroflorestais no município de Bonito, Estado do Pará. **Rev. Cienc. Agrar.**, v. 55, n. 3, p. 159-166, 2012.